

O Jornalismo como ferramenta de recuperação da História local: o caso das famílias lençoenses do século XIX

Marcos Paulo da SILVA

Jornalista graduado e aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp (Bauru)

Resumo

O Jornalismo, enquanto segmento da comunicação de massa, mantém relações claras com a História. O Jornalismo caracteriza-se como uma importante ferramenta de compreensão e recuperação do passado. Neste sentido, uma prática que seja profissionalmente adequada e teoricamente amparada, ou seja, academicamente aceita, é o que propomos neste texto. O trabalho aqui apresentado é fruto de uma pesquisa aplicada, onde sugerimos um modelo sucinto e procuramos evidenciar considerações sobre uma maneira plausível de utilizar o Jornalismo como ferramenta de recuperação da História local. Foca-se, para tanto, em um estudo de caso particular: matérias produzidas em parceria com o jornal *Folha Popular*, de Lençóis Paulista (localizada a 300 km a oeste de São Paulo), sobre as famílias lençoenses que participaram da formação do município no século XIX. O trabalho tem como fundamentação teórica três pontos principais: as referências da estrutura do livro-reportagem para que o Jornalismo possa ampliar seu enfoque sobre a produção editorial convencional; a importância da memória como procedimento de resgate do passado; e a eficiência da documentação histórica como complementação da pesquisa jornalística.

Palavras-chave: Jornalismo, História, Lençóis Paulista, memória, documentação

As relações entre o Jornalismo e a História não são distantes, tampouco raras. A informação veiculada, sobretudo a informação proveniente das empresas jornalísticas, constitui um recurso largamente utilizado por historiadores e pesquisadores da História como instrumento de contextualização e retratação do passado.

Consideramos poucos os meios mais eficientes que o Jornalismo utilizados para demonstrar os costumes, os valores e as ideologias de um determinado período ou momento histórico. Desde que a imprensa passou a ter recursos minimamente consideráveis, a partir de Johann Gutemberg, por volta de 1450, a informação jornalística é usada como registro pela historiografia. Por tais motivos, a História, como ciência, utiliza-se largamente do Jornalismo como ferramenta de pesquisa.

Mas apesar da força que liga o Jornalismo e a História, acreditamos que são raros os enfoques que tratam de maneira diferenciada tal relação. Assim como o oposto, a História também pode ser interpretada como um instrumento do Jornalismo no desenvolvimento de suas funções de informar, explicar e orientar. O Jornalismo, tratado como ciência, conforme a proposta de Otto Groth (BUENO, 1972), ou tratado como técnica, tem na História uma importante ferramenta a ser explorada. Uma maneira que seja profissionalmente adequada e teoricamente amparada, ou seja, academicamente aceita, é o que propomos neste texto. O trabalho aqui apresentado é fruto de uma pesquisa aplicada, onde sugerimos um modelo e procuramos evidenciar considerações sobre uma maneira plausível de utilizar o Jornalismo como ferramenta de recuperação da História Local.

Enquanto ferramenta de recuperação da História, o Jornalismo sustenta-se em diferentes pilares no desenvolvimento de suas funções. Tratamos em nossa análise de três dos principais pontos dessa relação. Inicialmente, procuramos abordar as referências da estrutura do livro-reportagem. Mais adiante destinamos nossa atenção à importância da memória como procedimento de extensão ao Jornalismo convencional. Por fim, visualizamos a possibilidade do Jornalismo em recorrer à documentação histórica como complementação da captação.

O objeto da pesquisa aplicada

Este trabalho propõe-se a traçar considerações sobre a questão levantada: o Jornalismo como ferramenta de recuperação da História local. Para tanto, parte-se do caso particular escolhido como corpus da pesquisa: as famílias lençoenses do século XIX.

Chegando ao seu 146.º ano de fundação oficial, Lençóis Paulista (localizada a 300 quilômetros a oeste de São Paulo) ainda apresenta um quadro de carência no que diz respeito ao seu resgate histórico. Apesar do trabalho de alguns memorialistas e historiadores – sobretudo da pesquisa do memorialista Alexandre Chitto¹ que elencou uma grande quantidade de documentos sobre a história local – e de a cidade possuir uma volumosa biblioteca pública dotada de acervo histórico, pouco a população lençoense conhece do seu passado.

A formação de Lençóis Paulista é caracterizada pela chegada de centenas de posseiros, sesmeiros e migrantes que adentraram no sertão inicialmente habitado pela população indígena. Fixando residência no território, as famílias se desenvolviam, aumentando a população local e abrindo espaço no sertão para a chegada de novas famílias de imigrantes, sobretudo europeus.

As famílias foram fundamentais no estabelecimento do povoado e posteriormente no desenvolvimento econômico e político do município. No entanto, passados cerca de 146 anos da elevação do povoado de Lençóis à condição freguesia² (marco oficial da fundação do município), os descendentes que hoje habitam a cidade desconhecem a trajetória de vida e mesmo a importância de seus antepassados.

A proposta de pesquisa partiu de uma parceria firmada com o jornal bissemanal *Folha Popular*³, de Lençóis Paulista. A parceria em questão trata da produção de uma série de matérias especiais sobre as principais famílias inseridas na formação da cidade. Os critérios

¹ Compilando memórias e dados de arquivos, o memorialista Alexandre Chitto, que é patrono do museu local, editou cinco obras ao longo de sua vida: “*Notas para a história de Lençóis Paulista*”, em 1958, “*Lençóis Paulista Ontem e Hoje*”, em 1972, “*Lençóis Paulista nos esportes*”, em 1976, “*Lençóis Paulista nos seus 120 anos*”, em 1978, e “*Lençóis Paulista Boca do Sertão*”, em 1980.

² A elevação de um povoado de Lençóis à condição de freguesia ocorreu por meio de um projeto de lei. A elevação a tal condição precede a condição de vila, que já dava direito à instalação de Câmara Municipal. A condição de vila, por sua vez, precede a criação do município, já com autonomia administrativa.

³ O jornal *Folha Popular* completa em novembro de 2004 cinco anos de criação. O veículo circula em Lençóis Paulista e Macatuba às quartas-feiras e aos sábados.

estabelecidos pelo veículo de comunicação para a definição das famílias a serem pesquisadas partiram de três períodos históricos. Primeiramente foram elencadas as famílias envolvidas na fundação e formação inicial do povoado de Lençóis (antiga Lenções), ainda em meados do século XIX. O segundo grupo selecionado trata das famílias de imigrantes, sobretudo italianas, que influíram na formação econômica, política e cultural da cidade, já na entrada do século XX. Por fim, o último grupo aborda as famílias que chegaram em Lençóis Paulista depois de sua consolidação como município, mas que, no entanto, desempenharam um papel influente, seja econômico, cultural ou político, na sua trajetória até os momentos atuais.

O corpus de análise do presente trabalho se limita ao estudo das famílias do primeiro grupo citado. Trabalhamos com as famílias lençoenses que se fixaram na cidade no decorrer do século XIX (Cardia, Dias Baptista, Damasceno e Souza, Oliveira Lima e Pereira). Refletindo sobre o processo de produção das matérias especiais sobre as famílias preparadas para circulação no bissemanário local, procuramos discorrer sobre o tema chave em questão: o Jornalismo como ferramenta de recuperação da História local.

É válido ressaltar que as matérias envolvidas nesta pesquisa aplicada foram publicadas em seções separadas do corpo padrão do veículo de comunicação, devendo ser compiladas no final da circulação da série, prevista para dezembro de 2004, em um livro. No entanto, nossa preocupação não se refere à publicação de um livro-reportagem. Buscamos apenas a redação de matérias diferenciadas, que compiladas possam preencher uma lacuna deixada no resgate da história lençoense, dando à população a oportunidade de conhecer um outro panorama de seu passado, ou seja, sob a ótica de personagens.

Mesmo sem a pretensão da publicação de um livro-reportagem nos moldes que discutiremos a seguir, a peculiaridade das publicações nos levou à adoção de uma linguagem particular que, humildemente, se aproxima e tangencia a linguagem do livro-reportagem.

As referências do livro-reportagem

Qual seria a receita ideal para que conseguíssemos contar a história de Lençóis Paulista no século XIX pela ótica das famílias? De repente nos vimos surpreendidos frente

a tal questão. Incumbidos da tarefa, desenvolvemos uma série de reflexões. Não afirmamos aqui que tomamos o caminho ideal. Mas acreditamos que trilhamos o melhor caminho dentro da estrutura, momento e perspectivas com as quais fomos confrontados.

A proposta elaborada pelo jornal lençoense *Folha Popular* e apresentada para nossa apreciação tinha objetivos claros: preencher a lacuna deixada pelo próprio veículo, pelos jornais concorrentes, emissoras de rádio e demais meios de comunicação – locais ou não – com atuação na cidade. Pretendia-se um aprofundamento das mensagens veiculadas durante a semana pelo jornal, buscando a superação do aspecto efêmero da informação jornalística cotidianamente publicada.

A busca de referências na linguagem do livro-reportagem foi motivada por nossa intenção de extrapolar o enfoque restrito e a repercussão dada costumeiramente às notícias pela imprensa cotidiana.

O Jornalismo por Otto Groth

Para entendermos as características do Jornalismo convencional e propormos uma extensão ao modelo já estabelecido, fomos buscar fundamentação no quadro apresentado pelo teórico alemão Otto Groth. Tratando o Jornalismo como mais uma ciência no grande corpo das ciências humanas, o teórico sublinhou quatro características fundamentais aos periódicos. A *atualidade* diz respeito à relação dos fatos com o tempo presente. A *periodicidade* se refere à repetição regular no tempo das diferentes edições de um periódico. A *universalidade* trata da abordagem dos mais diferentes campos do conhecimento humano efetuada por um veículo. E, por fim, a *difusão coletiva* diz respeito à circulação dos periódicos por diversificadas camadas sociais distribuídas cultural, econômica e geograficamente de modo heterogêneo.(BUENO, 1972).

As quatro características propostas por Otto Groth – atualidade, periodicidade, universalidade e difusão coletiva – nos auxiliam a compreender com maior precisão do papel do Jornalismo convencional: informar com atualidade e periodicidade temas universais para um público heterogêneo.

A reportagem e o Jornalismo interpretativo

Para voltarmos à análise das referências da linguagem do livro-reportagem no nosso trabalho, recorremos à conceituação de Edvaldo Pereira Lima. Trabalhando sob a Teoria Geral dos Sistemas, o autor considera o livro-reportagem um subsistema do Jornalismo. Para tanto, interpreta o Jornalismo como precursor do livro-reportagem, sobretudo em suas funções técnicas.

Entende Edvaldo Pereira Lima que “a notícia deve corresponder ao acontecimento real que seja de interesse a pelo menos um grupo importante dentre os segmentos de receptores de uma dada mensagem jornalística” (LIMA, 1993, p. 23). Para a *atualidade* de Otto Groth, que poderia colocar em xeque a ligação entre o livro-reportagem e o Jornalismo, Edvaldo Pereira Lima atribui uma nova roupagem. A *atualidade* “passa a significar a ocorrência que muitas vezes não é rigorosamente atual, mas ganha essa condição seja por um novo fato que ‘desperta’ o interesse público para uma ocorrência antiga, seja por um artifício que a traga para o presente” (LIMA, 1993, p. 23).

Tal definição tem ligação direta com nosso estudo. Mesmo atreladas a um passado distante – o século XIX –, as famílias pesquisadas ainda possuem descendentes em Lençóis Paulista. A presença das famílias na cidade nos dias atuais acentua a importância do resgate histórico, trazendo a questão para o presente. Consideramos ainda que o próprio processo de democratização das informações históricas para novas gerações já justifica o conceito de *atualidade*.

Em *Páginas Ampliadas*, Edvaldo Pereira Lima atribui essencial importância ao Jornalismo interpretativo e considera a reportagem como catalisadora do livro-reportagem, sobretudo a grande-reportagem.

“Visando atender a necessidade de ampliar os fatos, de colocar para o receptor a compreensão de maior alcance, é que o jornalismo acabou por desenvolver a modalidade de mensagem jornalística batizada de *reportagem*. É a ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual. Em especial, esse patamar de maior amplitude é alcançado quando se pratica a grande-reportagem, aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo, a seu autor ou a seus autores uma dose ponderável de liberdade para escapar aos

grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia com *lead* e as pirâmides já mencionadas” (LIMA, 1993, p. 24).

Já sobre o Jornalismo interpretativo, Edvaldo Pereira Lima diz que sua busca é “não deixar a audiência desprovida de meios para compreender o seu tempo, as causas e origens dos fenômenos que presencia, suas conseqüências no futuro. Vai fundamentar sua leitura da realidade na elucidação dos aspectos que em princípio não estão muito claros” (LIMA, 1993, p. 25).

A fundamentação exposta por Edvaldo Pereira Lima são pertinentes ao nosso estudo. Buscamos a amplitude da reportagem e a profundidade do Jornalismo interpretativo em diferentes estágios do trabalho em questão. Nos referimos, aqui, principalmente, ao processo das definições: das famílias a serem pesquisadas, do formato a ser publicado, do enfoque a ser empregado, das pautas e da linguagem.

Retomando o conceito de livro-reportagem

Para permanecermos sólidos no estudo das referências do livro-reportagem neste estudo, retomamos o conceito proposto por Edvaldo Pereira Lima:

Entendendo a reportagem como a ampliação da notícia, a horizontalização do relato – no sentido da abordagem extensiva em termos de detalhes – e também sua verticalização – no sentido de aprofundamento da questão em foco, em busca de suas raízes, suas implicações, seus desdobramentos possíveis –, o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos – quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (LIMA, 1993, p. 28-29).

Nesse sentido, entendemos que mesmo não procurando se enquadrar perfeitamente no conceito de livro-reportagem com a produção das matérias, verificamos que a distância que os separam – a produção das matérias e o conceito de livro-reportagem – não são distantes. Há pontos na definição proposta por Lima que são rechaçados em nossa produção. Nesse caso, citamos o não-periodismo e a ausência de um formato pré-estabelecido para o livro-reportagem.

Por outro lado, não é difícil notar as semelhanças. Buscamos um “grau de amplitude superior” no tratamento do tema, sobretudo quando comparado ao tratamento dado pelo próprio veículo *Folha Popular* e os demais periódicos da cidade em temas semelhantes. Procuramos, dentro de nossos limites, a horizontalização do relato, buscando e pinçando detalhes históricos, assim como sua verticalização, mergulhando na gênese de suas raízes e implicações até os dias de hoje.

Para efeitos de exemplificação de nossa busca pela horizontalização e pela verticalização do relato, citamos o primeiro parágrafo da matéria sobre a família Dias Baptista:

A colonização no Brasil ainda era tímida quando surgiram no país os primeiros Dias Baptista. O século 18 não completava sua primeira metade e a família já iniciava sua trajetória. Estima-se que o sobrenome tenha origem em Iguape, por volta de 1737, com o casamento do português João Baptista de Souza, natural da Ilha da Madeira, e Ana Dias Pereira, nascida na própria cidade. Da união nasceu Tomás Dias Baptista, o primeiro membro da numerosa família que desempenharia importante papel em Lençóis um século mais tarde.

Procuramos nesse parágrafo, ainda que de maneira tímida, expor a contextualização da história, a relevância de detalhes e o mergulho na raiz do tema, preocupando-nos, contudo, em não afugentar o receptor (leitor) por carregar o trecho com excesso de dados e detalhismos. O mesmo podemos verificar, ainda como exemplificação, no trecho que compreende os dois primeiros parágrafos da matéria sobre a família Cardia:

Não havia sinal da civilização branca. As terras hoje cultivadas e povoadas não passavam de um deserto sertão. Não haviam estradas ou caminhos abertos pelos homens brancos. As terras eram habitadas pela população indígena. Tribos Xavantes, Guaranis, Caiguangues e Cayapós exploravam os recursos naturais da região. Para o homem branco, o único caminho para chegar onde hoje se concentra a cidade era o rio denominado de Lençóis (naquela época ainda chamado de Lençóes, que deu nome ao povoado). No início do século 19, exatamente por este caminho, pisou na região o primeiro integrante da família Cardia.

Em 12 de março de 1818, Antônio Antunes Cardia, um grande proprietário de terras da província de São Paulo, recebeu da coroa portuguesa, a doação da sesmaria que daria origem a Lençóis. O local de início da gleba de terra era denominado Porto dos Lençóis, localizado no ponto onde o rio Lençóis deságua no rio Tietê, atualmente em Macatuba.

Neste caso, em particular, ressaltamos ainda a procura por uma linguagem mais leve, buscando uma aproximação com a linguagem literária, tema que trataremos mais adiante. Os exemplos acima citados proporcionam uma visão parcial das matérias com o objetivo de exemplificação.

A linguagem

Destinamos este item para tratarmos de um ponto chave do trabalho: a linguagem empregada na redação das matérias analisadas. Tal tarefa só é possível se consideramos todas as considerações feitas até aqui sobre o conceito de livro-reportagem. Segundo Edvaldo Pereira Lima,

O livro-reportagem é uma obra do autor. A presença expressiva de seu idealizador é, muitas vezes, marcante. Desvinculado, ao menos em tese, de comprometimentos com o nível grupal, com o seu nível massa e com o nível pessoal tal qual limitado nas grandes empresas jornalísticas, seu único compromisso é com sua própria cosmovisão e com o esforço de estabelecer uma ligação estimuladora com seu leitor, valendo-se, para isso, dos recursos que

achar mais convenientes, escapando das fórmulas institucionalizadas nas redações. (LIMA, 1993, p. 70).

Seguindo o raciocínio do autor e trazendo suas considerações para o nosso contexto, entendemos que o fato da produção das matérias em questão não estar diretamente vinculada à redação da empresa contratante torna-se uma variante considerável na linguagem do texto. Longe da pressão constante da redação, procuramos desenvolver um trabalho mais solto e carregado de particularidades.

Ressaltamos, porém, que as idéias levantadas por Lima no trecho supracitado não se adaptam integralmente à nossa análise. O fato de o produto ser adaptado para publicações semanais nos exigiu uma extensa carga de concentração no que diz respeito à linguagem empregada. O contexto da produção não nos permitiu a utilização de fórmulas radicais de experimentalismos na redação das matérias. Também nos foi exigida acentuada organização no trabalho de produção das matérias levando em consideração o tempo escasso. Com um longo cronograma pela frente, trabalhamos no ritmo médio de três a quatro famílias por mês, entre captação, pesquisa documental e entrevistas.

Outro obstáculo que constantemente defrontamos na produção das matérias foi a dificuldade de atingirmos um alto nível de humanização dos relatos, proposta por nós realizada desde o início do projeto. Abordando o século XIX como enfoque, não raro nos deparamos com a documentação histórica como única fonte de dados (o que não foi consideravelmente constatado na produção das matérias sobre as famílias de imigrantes do século XX, que não incorporam o objeto de estudo deste trabalho). Tal fato nos colocou como opção a busca de depoimentos orais.

Apesar das deficiências citadas neste item para a aproximação entre linguagem empregada na redação das matérias e o relato humanizado, avaliamos que nossa proposta atingiu êxito em muitos dos pontos que permeiam a estrutura do livro-reportagem. Fugimos da estrutura de notícia semanalmente adotada pelos veículos convencionais de Lençóis Paulista e procuramos, dentro de nossa proposta, uma nova maneira – simples, porém não simplista – de noticiar a cidade.

A memória oral como procedimento de extensão

Nossa proposta neste item consiste em traçar considerações sobre o papel da memória oral como procedimento de extensão para a pesquisa jornalística. Direcionamos nossa análise ao fenômeno da conservação do passado por meio das lembranças. A importância desse ponto está no fato de a história recuperada por meio da memória oral resultar em um quadro complexo, variando da eficiência às incongruências e omissões dos fatos do passado.

Não pretendemos, evidentemente, esgotar o assunto neste item. Nossa explanação nesta fase do trabalho visa apenas uma contextualização do papel da memória oral na produção das matérias analisadas. Para a compreensão dos processos da memória, nos apoiamos nas considerações elaboradas por Ecléa Bosi em sua obra *Memória e Sociedade*. No livro, fundamentada pela linha teórica de Henri Bergson, Bosi aborda a questão da memória de idosos para a reconstrução de determinado período do passado. Não nos cabe neste texto, porém, entrar em detalhes de natureza filosófica da obra de Bergson sobre a memória humana. Vamos, então, ao encontro do conceito de *entrevista de compreensão* com a finalidade única de preparar terreno para nossa análise.

Como já citado, a busca da memória como procedimento de extensão foi originada por nossas dificuldades em atingir um alto nível de humanização dos relatos, proposta realizada desde o início do projeto. Abordando o século XIX como enfoque, muitas vezes nos deparamos com a documentação histórica como única fonte de dados. A coleta de depoimentos, explorando a memória oral, pareceu-nos uma saída viável.

A humanização da entrevista

A utilização da memória como extensão ao Jornalismo convencional está diretamente ligada à sua captação, ou seja, ao processo de entrevista. Entendemos, então, como fundamental uma retomada na relação entre a entrevista e sua função na humanização do relato. Para isso, recorreremos mais uma vez às definições elaboradas por Edvaldo Pereira Lima em *Páginas Ampliadas*. As limitações e inadequações do Jornalismo cotidiano iniciadas na construção da pauta, lembra o autor, prosseguem na etapa de captação. Neste ponto, a entrevista é essencial.

Como um dos instrumentos de captação, a entrevista jornalística começa a sofrer críticas, no meio acadêmico, voltadas à reflexão sobre seus métodos e à indicação de rumos possíveis que conduzam a um efetivo processo de compreensão do real. Por que essa compreensão pressupõe, no seu aspecto de humanização, um diálogo interativo entre entrevistador e entrevistado. Ou seja, uma interação humana entre o receptor e o personagem dos acontecimentos e das situações, intermediada pelo jornalista, que naquela circunstância do diálogo é um representante público, um embaixador da audiência. (LIMA, 1993, p. 74).

Em entrevista ao autor de *Páginas Ampliadas*, a professora Dulcília Schroeder Buitoni afirma que “se não é aplicável o esquema de perguntas e respostas programadas, o repórter acha que não está diante de um fato jornalístico, pois não acredita que haja perguntas e respostas que ele não conheça”. (LIMA, 1993, p. 74). E prossegue: “Essa improbabilidade de enxergar além do padrão aumenta muito a pobreza de conhecimento pertencente à notícia”. (LIMA, 1993, p. 75).

A pesquisadora Cremilda Medina, ao defender o potencial da entrevista para o êxito de um diálogo democrático – denominado por ela de *plurólogo* – propõe uma divisão em duas tendências: a *entrevista de espetacularização* e a *entrevista de compreensão*. (LIMA, 1993, p. 76). Nos dedicaremos aqui à segunda tendência.

Entrevistas de compreensão

Muito utilizadas no Jornalismo convencional, as *entrevistas de espetacularização* quase sempre são desprezadas por trabalhos jornalísticos que tangenciam relatos mais humanizados. Nesses casos, evidentemente, os autores procuram lançar mão das *entrevistas de compreensão*.

Com a grande gama de livros-reportagem no mercado editorial, por exemplo, praticamente todos os subgêneros das *entrevistas de compreensão* apontados por Cremilda Medina podem ser encontrados. Na maioria dos casos, com o propósito de compreensão do ser humano retratado. Também podem ser encontrados, não raro, livros-reportagem que se aproveitam de diversas entrevistas ao longo de suas páginas, cada uma delas caindo sob um

determinado subgênero. Ou acontece de um mesmo livro exibir uma longa entrevista que ora se aproxima de um subgênero, ora tangencia outro.

No caso de nossa análise, em específico, felizmente não há como fugir, mais uma vez, das aproximações da estrutura do livro-reportagem já abordadas no capítulo anterior. Buscamos, todavia, pinçar pontos dentro do contexto apresentado que sirvam para a interpretação do nosso *corpus* de análise.

Sobre as *entrevistas de compreensão*, Edvaldo Pereira Lima discorre com uma linguagem que se aproxima da poética:

Todavia, muito mais do que na reportagem do jornalismo impresso cotidiano, a entrevista desponta no livro como uma forma de expressão por si, dotada de individualidade, força, tensão, drama, esclarecimento, emoção, razão, beleza. Nasce daí o diálogo possível, o crescimento do contato humano entre o entrevistador e o entrevistado, que só acontece por que não há pauta fechada castrando a criatividade. Em muitas ocasiões, surge o painel de multivozes e o repórter, o autor, é apenas um sutil maestro que costura os depoimentos, interliga visões do mundo com o tal talento que parece natural tal arranjo, como se surgisse ali espontaneamente, perfeito. Nessas ocasiões, o jornalista-escritor atinge uma situação máxima de excelência do domínio da entrevista: a de tecedor invisível da realidade, que salta, vívida, das páginas para o coração, a mente e todo o aparato perceptível do leitor. (LIMA, 1993, p. 85).

Apesar de nosso suporte – a publicação semanal de matérias – não apresentar o mesmo rol de liberdade que as páginas dos livros-reportagem, contamos mesmo assim com mais recursos que o Jornalismo cotidiano no desenvolvimento das matérias. É evidente que o formato híbrido de nossas matérias – entre o Jornalismo impresso cotidiano e o Jornalismo de relato livre – trouxe-nos dificuldades na busca de saídas. Acreditamos, porém, que trilhamos o caminho mais lógico e seguro no esforço para a conquista do *diálogo possível*.

Entre os subgêneros das *entrevistas de compreensão*, procuramos adotar o *perfil humanizado*. Este, por sua vez, concede à entrevista a máxima possibilidade de alcançar dimensão superior ao que raramente seria aceitável em publicações periódicas tradicionais.

A exiguidade de espaço, incluindo aqui as matérias cotidianas da própria *Folha Popular* e dos demais veículos de Lençóis Paulista, é, compreensivelmente, uma condicionante limitadora de vãos mais elevados. Nesse sentido, podemos afirmar que na tarefa do resgate histórico as entrevistas de compreensão consistem em um recurso extraordinário.

A documentação como complementação da captação

Um dos pilares nos quais se sustentam as relações entre o Jornalismo, enquanto segmento da comunicação de massa, e a História é a documentação histórica. Para facilitar nosso trabalho, reservamos três enfoques diferentes no tratamento da documentação histórica: a documentação dos arquivos públicos (tais como cartórios de imóveis e registros civis, cúrias, câmaras municipais e museus de diferentes origens), a documentação elencada por memorialistas e historiadores, e a documentação viabilizada pelas próprias famílias na figura de seus descendentes. No entanto, nos cabe discorrer aqui, de modo geral, sobre a importância da documentação histórica como aparato da pesquisa jornalística.

As palavras “documentação” e “biblioteca” não raro se confundem na prática. A distinção entre elas é frágil. Há bibliotecas que funcionam como centros de documentação (prioridade à informação) e documentações que se restringem a acervos (comportando-se, portanto, como bibliotecas).

No entanto, segundo Johanna Smit (1987), entende-se que a documentação organiza as informações relacionadas a um assunto, sem restrições quanto ao acervo, ao passo que a biblioteca organiza os próprios documentos, ou seja, o seu acervo. Smit considera ainda que a distinção entre documentação e biblioteca passa por outro eixo, igualmente frágil e discutível: a questão da especialização do acervo.

Se o objetivo é reunir e organizar a informação, o bom senso já nos leva a completar a frase com uma indicação qualquer de assunto: a informação jurídica, a informação sobre eventos culturais da cidade, a informação química, etc., ao passo que o conceito de biblioteca faz pensar em assuntos mais gerais e variados. Em suma, falar de documentação leva a pensar em termos de informação, não se restringindo à idéia dos documentos fisicamente presentes na biblioteca, e supõe também uma especialização em um assunto, já que seria perfeitamente utópico

querer organizar toda a informação em todos os campos do conhecimento. (SMIT, 1987, p. 11).

É neste ponto que situamos a documentação histórica. Trata-se da compilação de documentos que especificamente remetem ou retratam o passado. A documentação, enquanto técnica ou ciência, ganhou forma na última década do século XIX quando dois advogados belgas, Otlet e Lafontaine, preocupados com a idéia exaustiva de “reunir tudo”, criaram o Instituto Internacional de Bibliografia.

Entretanto, pensamos que a documentação histórica perpassa essa conceituação formal. Entendemos que todos os registros guardados ou arquivados, que remetem a algum determinado período da História – seja antiga ou contemporânea – são documentos históricos. E é por meio de tais documentos que se pode interpretar ou reconstruir um período do passado. A organização de documentos e informações traz algumas implicações em si. Smit avalia que a documentação está diretamente relacionada ao poder, seja político ou econômico.

Tratando especificamente da documentação histórica, podemos afirmar que ela também se relaciona com o poder. A luta contra o poder instituído, segundo Hannah Arendt⁴, é sempre a luta da memória contra o esquecimento. O jornalista José Arbex Júnior entende que “interessa aos que detêm poder produzir a amnésia, de forma que eles sempre possam reescrever a história nos termos que mais lhes sejam convenientes, exatamente como faziam os escribas de Big Brother na metáfora de George Orwell”. (ARBEX JÚNIOR, 2003, p. 15).

Enfim, não é difícil entender que o fato de estar ligada ao poder torna a documentação um instrumento visado. Pesquisar a história por meio de documentos – simples ou complexos – é, portanto, uma tarefa importante. Cabe ao Jornalismo aprofundar-se nesse potencial.

⁴ O autor é citado pelo jornalista José Arbex Júnior na matéria “11 de setembro, há 30 anos, no Chile”, da Revista Caros Amigos, edição de setembro de 2003, número 78, ano 7, página 15.

Bibliografia

ARBEX JÚNIOR, José. 11 de setembro, há 30 anos, no Chile. **Caros Amigos**. São Paulo, Ano 7, n. 78, p. 15, 2003

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994 (3.^a edição)

CHITTO, Alexandre. **Lençóis Paulista Ontem e Hoje**. Lençóis Paulista, SP: 1972.

DE FLEUR, Jr., Melvin e BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1995.

FUSER, Igor (org.). **A arte da reportagem**, volume I. São Paulo: Scritta, 1996.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. Campinas, SP: Unicamp, 1993.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Cultura. Departamento de Museus e Arquivos do Estado. Divisão de Arquivo do Estado. **Repertório das Sesmarias**: concedidas pelos Capitães Gerais da Capitania de São Paulo desde 1721 até 1821 (edição fac-similar). São Paulo: Tip. do Globo, 1944. v. 6.

SMIT, Johanna. **O que é documentação**. São Paulo: Brasiliense, 1987 (2.^a edição).

SODRÉ, Muniz & FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem** – Notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1996.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado**. História Oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992 (2.^a edição).